

Ronnie Romanini
ronnie.filho@rac.com.br

Pela primeira vez na história do Hospital de Clínicas (HC) da Unicamp, uma mulher comanda a superintendência do hospital universitário. Dona de um vasto currículo, a médica Elaine Cristina de Ataíde teve o seu nome escolhido em maio pela comunidade acadêmica e hospitalar e aprovado pela reitoria da universidade. Em entrevista exclusiva ao **Correio Popular**, ela revelou que pretende desenvolver um programa de capacitação das cidades da região para atender os casos de baixa e média complexidade. Segundo ela, o objetivo é o de reduzir a pressão sobre o HC, concentrando-se somente nas ocorrências de maior gravidade. Formada em Medicina pela Unicamp, Elaine afirmou que um dos motivos que a levou a aceitar o convite para assumir a superintendência do hospital foi servir de exemplo às alunas, residentes e outras mulheres do HC para que elas também lutem por seus objetivos. Ao assumir o comando do HC, o seu olhar fitava o futuro, mas a realidade ainda era a pandemia. Pouco antes de ser escolhida, em abril, a Unidade de Emergência Referenciada Pediátrica do hospital precisou restringir os atendimentos e encaminhamentos pediátricos por alguns dias, devido à lotação total nos leitos de enfermagem e de UTI. Após a melhora na situação, outros setores que ficaram represados durante a pandemia demandaram atenção, como as cirurgias eletivas. O HC disponibilizou uma equipe itinerante para realizar procedimentos em cidades que dispõem de estrutura, mas não funcionários. A ação faz parte do programa Mutirão de Cirurgias, do governo do Estado de São Paulo, e que prevê zerar as filas por procedimentos eletivos no estado até o final do ano. Em Campinas, quase um terço da fila de 71.456 pacientes foi esvaziada. A nova superintendente do HC visitou o **Correio Popular** na terça-feira (13) a convite do presidente-executivo do jornal, Ítalo Hamilton Barioni. Acompanhe a seguir os melhores momentos desta entrevista exclusiva.

Para começar, conte-nos um pouco sobre a sua caminhada até chegar à superintendência do HC.

Eu nasci em Mogi Mirim e a minha família por parte de pai e de mãe era humilde, foram muitas dificuldades que eles tiveram. Lá na infância eu era uma criança com muita asma, crises de bronquite e consigo lembrar a gente indo a hospitais para esperar ou marcar consulta. A gente tinha que acordar de madrugada para pegar fila e senha para marcar consulta. Então tinha a questão do atendimento e necessidade do SUS, porque não tínhamos convênio, nada disso. E acabei me interessando por medicina naquela época. Eu via o quanto era importante a visão dos meus pais sobre a área médica. Hoje a gente sabe que asma não é tão grave, mas para eles, que são tão simples, ter uma consulta com um médico era uma decisão de vida e morte para mim. Na época, mesmo com dificuldades, eles sempre incentivaram a mim e meus irmãos a estudar, principalmente a minha mãe que falava que eu tinha que ser independente, seguir minha carreira. Eles fizeram um esforço enorme para que eu fosse para a única escola particular que tinha na minha cidade, o Imaculada. Depois, apertou um pouco a situação financeira e eu tive que sair e comentei isso com uma freira, a Madre Lázara, eu lembro até hoje. E ela me colocou como se eu fosse sobrinha dela - a madre tem possibilidade de ter um parente - e eu acabei não pagando da primeira até a oitava série, com bolsa integral. Nesse interim, toda vez que alguns coleguinhas do meu ano ou do anterior ficavam em recuperação, eu dava aula para eles no final do ano. Sem compromisso, eu morava na frente da escola e gostava de ensinar. Isso já me incitava a questão do ensino.

A senhora ganhava alguma coisa? Era uma espécie de contrapartida pela bolsa?

Não, não ganhava nada, eu era uma boa aluna, até por isso ela ficou com o pesar de eu sair e me deu a oportunidade. Mesmo não pagando a escola, ainda tinha livros e tudo mais que a gente precisava comprar. A minha mãe é uma pessoa bem introspectiva, não gosta de atender o telefone, é uma pessoa bem simples. Eu falei: 'mãe, comece a vender salgado. Eu vou aos bares oferecer'. Meu pai trabalhava em São Paulo para conseguir fazer hora extra e comecei a oferecer os salgados em vários bares junto com a minha irmã, que é dois anos mais nova. Eu comecei a ter essa visão do mundo, da multiplicidade de personalidades, de pessoas.

E no colegial?

Eu também tive bolsa lá. Teve uma prova e quem ia bem ganhava essas bolsas, consegui fazer e depois entrei na Unicamp. Quando entrei lá, a minha família estava um pouco melhor. Eu prestei medicina.

A senhora fez cursinho para entrar em Medicina?

Entre sem cursinho. O meu pai se aposentou e tinha um bar arrendado. A gente ganhava um pequeno aluguel, ele parou de arrendar e eles assumiram o bar pouco antes de eu vir para cá. E o bar foi dando um lucro maior. Minha mãe começou a vender os salgados dentro do próprio bar e era perto da escola, começou a ficar famoso. Até hoje ela faz os salgados lá. E aí



Familiares formam fila na entrada do Hospital de Clínicas (HC) no horário de visita a pacientes internados para a realização de procedimentos cirúrgicos

ENTREVISTA

Médica revela plano para desafogar HC da Unicamp

Elaine é a primeira mulher a comandar a superintendência do hospital



A superintendente do Hospital de Clínicas da Unicamp, Elaine Cristina de Ataíde

conseguiu formar na faculdade os três filhos. Então esse início de vida que foi de luta foi bom, se eu não tivesse tido muitas das dificuldades que vieram depois ou que enfrento até hoje eu não enfrentaria da mesma forma.

Como encontrou a sua especialidade na faculdade?

Eu comecei a gostar mais da área de cirurgia porque muitas vezes, quando aluna, a gente esperava o cirurgião para fazer os procedimentos. Decidi fazer cirurgia justamente para não ficar esperando.

Já era uma característica de proatividade na profissão?

Eu me lembro na ocasião, e as pessoas falam até hoje, que a cirurgia é a especialidade que tem mais demanda, que você não tem uma qualidade de vida tão boa, mas eu sempre fui intempitiva. Não penso no futuro. E isso foi se replicando ao longo das minhas próximas escolhas. Depois de fazer cirurgia geral, fiz mais dois anos de cirurgia de aparelho digestivo, quando fiz um contato maior com o pessoal da equipe de transplante. Era o professor Luiz Sérgio Leonardi, na época o chefe, e a doutora Ilka Boin, chefe até hoje. Acabei me interessando por transplante, fiz mais um ano de cirurgia de transplante. Tudo na Unicamp. Desde antes de entrar era um sonho. Quando tinha a Universidade Portas Abertas eu vinha para conhecer.

Não pensei em sair daqui. Eu dei muitos planos remunerados e na época era uma obrigação para ser credenciada como transplantadora ficar um tempo fora do Brasil. Fiquei seis meses na França, em Paris em 2007. Foram seis meses produtivos em termos de experiência de vida, ver um lugar muito mais antigo, com a realidade e cultura totalmente diferente. Os professores iam todos de bicicleta, todo mundo com o carro mais simples.

Como foi a entrada na parte administrativa até tornar-se a primeira mulher escolhida para a superintendência do HC?

Eu sempre continuei proativa na parte administrativa, dando opiniões. Em Hortolândia, antes de viajar para a França, eu era chefe de Cirurgia, sempre querendo fazer escalas e organizar as coisas. Quando eu já era docente, assumi a vice-coordenadoria do Gastrocentro. Pouco antes da pandemia me chamaram para ser diretora do Centro Cirúrgico e deu uma boa melhora lá. Houve um período em que a pandemia estava diminuindo e existia a necessidade de aumentar o número de cirurgias, porque eram muitas filas cirúrgicas, que vemos até hoje, fazendo mutirões. E a gente continuou durante a pandemia operando as neoplasias no HC, mas tinha essa ideia de aumentar. E querendo ampliar eu comecei a ir à superintendência me prontificando a ajudar. Foi nessa transição de meses dando ideias que me ofereceram a possi-

“A gente quer tentar fazer essa intercomunicação com as cidades da região para capacitá-las a enviar para o HC apenas aquilo que realmente for competência terciária ou quaternária. Os médicos das cidades vão começar a se sentir mais capazes de tratar esses casos e só encaminhar o que for realmente necessário”

bilidade de eu assumir como superintendente em uma sucessão. Eu tinha nos quatro anos anteriores algum tipo de coordenação, mas na superintendência é o passo maior. Fui coordenadora de assistência de setembro passado até maio quando houve a eleição e aí assumi e venho desempenhando essa função. Eu assumo a superintendência com um déficit milionário mensal, mas temos tido uma boa relação tanto com a reitoria, que tem nos apoiado muito, como com a própria Secretaria de Estado da Saúde. E agora que a Fernanda [PENATTI] assumiu a diretoria do Departamento Regional de Saúde de Campinas (DRS-7), temos pensado e formulado vários projetos para trazer mais recursos para o HC.

Pouco antes de a senhora assumir o HC teve um momento delicado, quando restringiu os atendimentos e encaminhamentos pediátricos pela ocupação total dos leitos em um contexto de crescimento na demanda. Como foi esse momento?

Bastante traumático na ocasião. As crianças estavam voltando às aulas e com isso contraíram doenças, não necessariamente covid-19, mas doenças da infância. E não havia vaga em nenhum lugar, tanto de neonatologia, um problema maior que o CAISM enfrentou, como leitos de UTI e enfermagem de pediatria. Quando não havia na enfermagem, a gente deixava leitos reservados ali no Pronto-Socorro, mas lá não havia mais nenhum lugar para colocar nenhuma criança. Então nesse momento houve essas solicitações. Quando vi que isso estava acontecendo e que a demanda por leitos de covid de UTI adulto estavam diminuindo, fiz uma manobra interna de descer os pacientes covid para outra unidade e consegui abrir dez leitos para qualquer necessidade. E aí, nesse momento, conversando com a secretária de Estado e o DRS fizemos uma parceria de abrir mais... na verdade foram 14 leitos. Conseguimos com que eles pudessem ser tanto intensivos como semi-intensivos e aí a condição dentro do hospital melhorou bastante. Inclui eu e Fernanda solicitamos e conseguimos prorrogar os leitos até o final do ano para todas as necessidades. A abertura dos leitos ajudou a aumentar até o número de cirurgias infantis.